



Expresso

Economia

31-08-2013

Periodicidade: Semanal

Classe: Informação Geral

Âmbito: Nacional

Tiragem: 131300

Temática: Sociedade

Dimensão: 2221

Imagem: S/Cor

Página (s): 1/16/17

Gaspar escreve sobre António Borges

E16



Expresso

Economia

31-08-2013

Periodicidade: Semanal

Classe: Informação Geral

Âmbito: Nacional

Tiragem: 131300

Temática: Sociedade

Dimensão: 2221

Imagem: S/Cor

Página (s): 1/16/17



FOTO LUCÍLIA MONTEIRO

Em 1989, num encontro promovido pelo IPE, com Rui Vilar e Artur Santos Silva

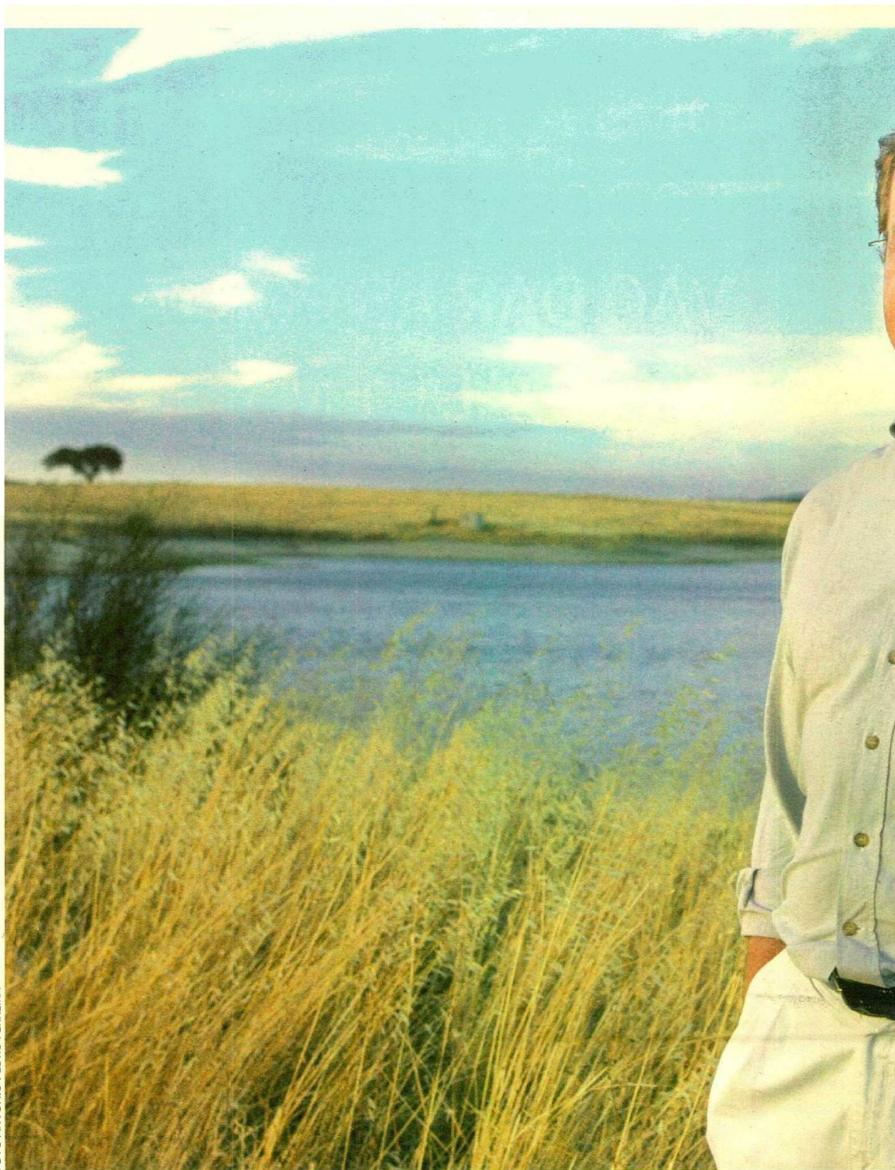


FOTO ANTÓNIO PEDRO FERREIRA

Alter do Chão, Alentejo. Era lá, na propriedade da família e onde muito investiu, que António Borges se refugiava. Era a

Expresso

Economia

31-08-2013

Periodicidade: Semanal

Classe: Informação Geral

Âmbito: Nacional

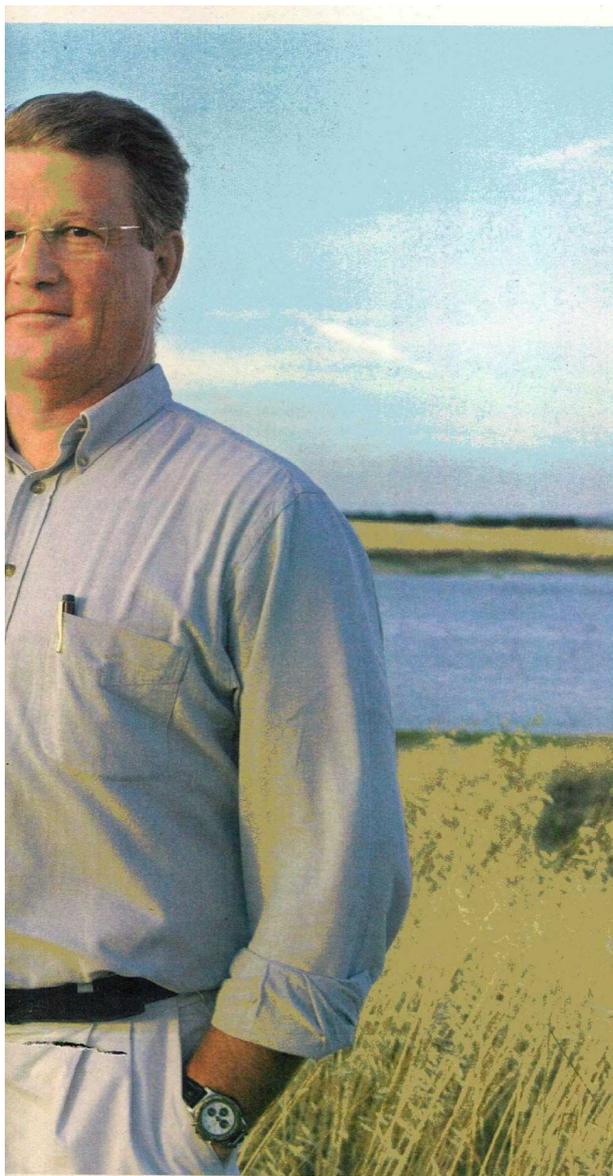
Tiragem: 131300

Temática: Sociedade

Dimensão: 2221

Imagem: S/Cor

Página (s): 1/16/17



a paixão. Chegou a candidatar-se à Assembleia Municipal de Alter do Chão

Expresso

Economia

31-08-2013

Periodicidade: Semanal

Classe: Informação Geral

Âmbito: Nacional

Tiragem: 131300

Temática: Sociedade

Dimensão: 2221

Imagem: S/Cor

Página (s): 1/16/17

1949-2013 Economista brilhante, catedrático respeitado, liberal, influente e incómodo

Otimista e controverso até ao fim

O ECONOMISTA INCONVENIENTE



Nicolau Santos

Fez grande parte do seu percurso no exterior, tendo trabalhado no FMI (onde se deu muito bem com Dominique Straus-Kahn e muito mal com Christine Lagarde), bem como na Goldman Sachs, onde durante anos foi um dos inúmeros vice-presidentes do banco norte-americano de investimento.

Em Portugal, foi vice-presidente do Banco de Portugal, quando Miguel Beza era o governador e Braga de Macedo o ministro das Finanças. A decisão deste em nomear um novo administrador para o banco central para “defender a economia real” levou-o a demitir-se, com palavras muito duras contra Braga de Macedo. Mas antes foi uma peça-chave na preparação de Portugal para aderir ao euro e na definição da taxa de câmbio a que o deveríamos fazer — e pela qual haveria de ser criticado anos mais tarde, por ser demasiado exigente para a economia portuguesa. Mas Borges acreditava que seria esse choque cambial que faria o país, e em particular os empresários, mudar de hábitos. Infelizmente, tal não aconteceu — e a economia foi registando taxas de crescimento cada vez mais medíocres.

Em 2005 chegou a ponderar a sua candidatura a líder do PSD e, posteriormente, a primeiro-ministro. Mas a falta de paciência para com os jogos políticos e para com pessoas a quem não reconhecia nenhum mérito profissional ou intelectual, além de uma notória inaptidão para lidar com a massa anónima de militantes do partido,

levou-o a desistir dessa pretensão.

Nos últimos anos integrou o quadrumvirato que tem moldado política e economicamente o país: Passos Coelho, Vítor Gaspar, Carlos Moedas e ele próprio. Foi por isso que não se coibiu de criticar violentamente os padrões quando estes também se opuseram à descida da Taxa Social Única, financiada pelas contribuições dos trabalhadores. Disse mesmo que, se fossem alunos dele, chumbava-os logo no primeiro ano, o que lhe valeu a resposta irritada de vários empresários. Foi também ele quem disse que era necessário continuar a baixar os salários em Portugal, o que motivou nova polémica, tendo corrigido depois as

Insistia na liberalização total do mercado e na aposta no investimento estrangeiro para aumentar a concorrência

suas palavras, não no sentido que tinham, mas afirmando que essa descida seria momentânea.

Convidado pelo Governo para o assessorar no processo de privatizações, teve uma intervenção particularmente polémica no caso da venda da participação da Caixa Geral de Depósitos na Cimpor, ao obrigar por via telefónica a administração do banco público a vender ao preço que os brasileiros da Camargo Corrêa ofereciam, quan-

do a posição valia claramente mais e havia outros interessados que o poderiam fazer subir. Mas para ele — e essa era a base das suas ideias — o Estado deveria sair das empresas e da economia em geral, deixando o mercado funcionar, porque ele (mercado) se encarregaria de tornar a economia mais competitiva, moderna e dinâmica. No caso em apreço, não só a Cimpor deixou de ter a sede de decisão em Portugal, como a sua capacidade de criar empregos qualificados para portugueses se está a reduzir drasticamente.

Borges era um liberal convicto, que considerava que o país se encontrava dominado por algumas grandes empresas e debilitado pelas rendas excessivas que elas cobravam. Por isso, insistia na liberalização total do mercado e na aposta no investimento estrangeiro para aumentar a concorrência. Quer Vítor Gaspar quer Carlos Moedas tinham um enorme respeito e admiração por ele e bebiam muitas das suas ideias.

Na verdade, com a sua morte e com a demissão a 1 de julho de Vítor Gaspar do Governo, o primeiro-ministro está agora mais só na defesa do tipo de ajustamento que tem seguido para Portugal. Veremos se no final se confirma aquilo em que Borges acreditou até ao fim: que o país estará em melhores condições quando a *troika* deixar de nos tutelar em junho de 2014. Uma data que, infelizmente, António Borges, o economista inconveniente, já não poderá comemorar.

POLÉMICO E DISTANTE DO



Vítor Gaspar

António Borges nasceu, no Porto, a 18 de novembro de 1949. Esteve ligado à educação e à investigação económica, financeira e empresarial. Foi um notável empreendedor e um gestor e empresário com capacidade de realização invulgar. Foi um homem de opiniões marcadas e discurso cristalino. Sempre pronto para o debate, terá sido o economista português mais marcante da sua geração. Frequentemente polémico e distante do discurso banal, os seus contributos foram relevantes para o mundo, para a Europa e para Portugal.

A nível global, o melhor exemplo é o seu trabalho no INSEAD, uma das melhores e mais reputadas escolas de gestão, pioneira no ensino da gestão a nível global. António Borges revelou ao máximo o seu espírito e capacidade empresarial ao propor, em 1996, a criação de um *campus* em Singapura — com um estatuto idêntico ao de Fontainebleau. A criação de uma escola de gestão empresarial com dois *campus*, “One

School, Two Campuses” foi por muitos, considerada de elevado risco. No entanto, a proposta foi aprovada em 1998 e criada em 2000, com um sucesso extraordinário, marcando uma etapa importante na globalização do ensino, aliando a qualidade e diversidade. Esta visão foi depois prosseguida: o INSEAD é talvez a primeira entre as escolas globais de gestão. O papel pioneiro e empreendedor de António Borges faz parte da história desta grande escola e a internacionalização do ensino universitário da investigação são a marca dinâmica do sector.

Para António Borges, a excelência na investigação era fundamental para a excelência no ensino. A capacidade para publicar em revistas científicas era o teste ácido da qualidade científica. A concorrência entre investigadores na produção de ideias constituía o melhor incentivo para a inovação. Acreditava também na complementaridade entre a investigação e condução da política económica. Foi por isso que promoveu fortemente a investigação no Banco de Portugal no seu período como vice-governador entre 1990 e 1993.

Nessa altura trabalhei de forma muito próxima com ele. Participámos em inúmeras reuniões do Comité Monetário, um comité de grande importância na preparação técnica das decisões políticas — a nível dos ministros das Finanças

Expresso

Economia

31-08-2013

Periodicidade: Semanal**Classe:** Informação Geral**Âmbito:** Nacional**Tiragem:** 131300**Temática:** Sociedade**Dimensão:** 2221**Imagem:** S/Cor**Página (s):** 1/16/17

SCURSO BANAL

dos chefes de Estado e de Governo da União Europeia —, que viriam a conduzir à criação da área do euro. Ao mesmo tempo, António Borges esteve muito ativo no contexto do Comité dos Governadores dos Bancos Centrais da União Europeia. Foi *chairman* do subcomité de Política Monetária, tendo nesta qualidade papel fundamental nos trabalhos preparatórios para a transição para a política monetária única. António Borges foi, assim, um exemplo de como é possível que alguém, vindo de um pequeno país periférico, como Portugal, tenha um papel de influência fundamental nas esco-

**Foi um homem de opiniões marcadas e discurso cristalino (...)
Os seus contributos foram relevantes para o mundo, para a Europa e Portugal**

lhas de desenho institucional na União Europeia. Aliás, o seu interesse nas questões europeias foi constante. No final de 2010, assumiu funções como diretor do Departamento Europeu do Fundo Monetário Internacional. Mas o meu conhecimento de António Borges é anterior a esta relação profissional. Fui seu aluno em 1981, nas cadeiras de Economia da Energia e Economia do Bem-Estar, no curso de Economia da Universidade Católica. As suas aulas abriam horizontes: desde logo, pela aplicação da teoria económica a problemas económicos concretos, e pela exigência e modernidade do seu método de ensino. Para os alunos da Católica daquele ano letivo de 1981-1982, António Borges deu vida à teoria económica. Abriu o caminho para um mundo mais aberto, diverso, exigente e concorrencial. Os alunos elegeram-no o melhor professor da licenciatura, apesar de outros fortes concorrentes.

Aprendi muito com ele além das aulas: coragem, frontalidade, determinação, sentido de dever e um profundo otimismo sobre Portugal.

Trabalhámos no último ano — a sua lucidez e determinação nunca se alteraram. O seu otimismo sobre Portugal na Europa e no mundo também não.

A 25 de agosto de 2013 partiu um dos nossos melhores. Perdi um amigo.

Ex-ministro das Finanças

UMA MENTE LINDA



Bronislaw Misztal

Na terça-feira, 13 de agosto de 2013, eu tinha combinado mais um dos meus encontros diplomáticos às cegas. Utilizo essa forma pouco ortodoxa de convidar e me encontrar com os melhores e mais interessantes intelectuais, estudiosos e jornalistas portugueses. Nesse dia, aguardava Antonio Borges. A campanha tocou e, quando abri a porta, estava um sujeito magro, com duas malas, que dava um beijo de despedida a uma jovem de vestido vermelho. A filha acompanhou-o até à porta e, depois da reunião, estava combinado eu dar-lhe boleia até ao aeroporto. Ele iria para a Ásia para uma série de palestras.

O homem olhou para mim de forma penetrante, no entanto o seu sorriso era um pouco tímido. "Nunca tinha aceitado um convite às cegas", começou. "Mal podia esperar para o conhecer", respondi. "Quem mais sabe tanto sobre a economia deste país? E, no fim de contas, também pediu a outros embaixadores para o levarem ao aeroporto?" Gelo derretido. Ou talvez não houvesse gelo para derreter. Sentámo-nos e discutimos a economia e a sociedade. "Qual é o custo unitá-

rio do trabalho em Portugal? Será que vai descer?", perguntei. "Sim, ainda é muito alto e não somos competitivos o suficiente", disse ele. "Irá cair, mas não imediatamente." "E como estará a economia portuguesa no próximo ano?" Ele precisou de um momento para responder. "Vai arrancar, tenho a certeza", disse. "Mesmo que o custo do trabalho se mantenha estável por agora. Veja, não somos capazes de influenciar todas as alavancas possíveis da máquina económica. O que vai empurrar o país para fora da crise será um impulso na inovação. Portugal já tem várias tecnologias de ponta e 2014 vai ser crucial para sair da crise." Perguntei-lhe sobre emigração e a fuga de cérebros: será que não afetam as tecnologias de ponta? O professor Borges encolheu os ombros: "Nós somos uma nação de pessoas curiosas, que produz bastante talento. Se reparar, estamos em todos os lugares, em todo o lado encontra talentosos economistas, cientistas, gestores e empresários portugueses. Com a reforma do ensino superior iniciada pelo [ministro] Crato, teremos especialistas altamente preparados para responder aos desafios deste século." Fui ainda mais longe, questionando-o acerca da redução do consumo e do declínio dos padrões de vida. Estará a classe média a desaparecer? Borges olhou para mim e disse: "Na economia, como na vida real, só podemos comer o que produzimos, temos de medir o nosso apetite de consumidor de acordo com nossa capacidade de contribuir para o fundo comum. Foi-se muito lá aci-

ma, demasiado longe, demasiado rápido. Agora, as expectativas do consumidor terão de ser uma motivação para conduzir as pessoas a trabalhar mais. E nós precisamos de produzir uma nova classe média, feita à medida dos desafios futuros." Começámos então a trocar um série de argumentos. "Você só vê números à frente", disse-lhe. "Porque sou economista", respondeu: "E você", apontou para mim, "você só quer saber se as pessoas estão felizes." "Porque sou sociólogo," respondi. Rimos os dois. Na verdade, não o achei um economista da escola tradicional, e a sua forma de pensar parecia muito complexa para mim. Ele contou-me que estava atento ao desempenho

Agora, as expectativas do consumidor terão de ser uma motivação para conduzir as pessoas a trabalhar mais

da Polónia e acreditava que a transformação polaca se devia a uma proporção certa de estímulos, mobilização, protecionismo social e espaço livre para a iniciativa social. Disse-me que nas suas aulas (acerca de transformação económica) na Católica usava sobretudo exemplos da Polónia. Recitou uma longa lista de economistas polacos: Balcerowicz, Belka e Kolodko, e, é claro, os clássicos Kalecki e Lange. "O que os portugueses estão a fazer na Polónia, a forma como fazem negócios, deviam fazê-lo noutros lugares, e também aqui, em casa", disse ele (Borges era membro do conselho da Jerónimo Martins). "O êxito da UE depende do sucesso de países como Portugal e Polónia..." — disse ele. "Nós somos a Europa." Ao longo de mais de duas horas de reunião, discutimos Keynes e Skidelsky, Galbraith e Marshall, Nussbaum e Rawls, percorremos as economias da França e da Alemanha, dos Estados Unidos e da Rússia. Ficou tarde. Eu sabia que ele era mais do que ocupado. Quando nos estávamos a ir embora, ele parou por um momento e perguntou: "Podemos encontrar-nos de novo? Quando eu voltar? Na próxima semana?". "Mas é claro" — respondi, surpreso e lisonjeado. "Nós deveríamos partilhar o ensino de uma cadeira na Católica", disse ele. Isso nunca acontecerá, infelizmente. No entanto, irei sempre recordá-lo como o mais inusitado, o mais brilhante e o mais humano de todos os economistas que já conheci.

Embaixador da Polónia em Portugal e Professor de Sociologia Política

Texto ANABELA CAMPOS

conomista reputado, liberal, catedrático notável, figura controversa e influente, António Borges faleceu no passado domingo, aos 63 anos, com um cancro.

“Foi um dos economistas mais brilhantes da sua geração”, sublinhou o Presidente da República, Cavaco Silva. Uma opinião partilhada por académicos, economistas e politólogos, para quem António Borges, para muitos o rosto do liberalismo em Portugal, deixa um lugar difícil de preencher. Defendeu sempre abertamente, e sem o escudo do politicamente correto, as virtudes do mercado livre e da concorrência — a banca e a energia foram muitas vezes alvo de crítica feroz. Dizia amiúde que um dos problemas do sistema económico português era “ser extraordinariamente fechado” e “corporativista”, uma herança da ditadura de Salazar, que não se tinha alterado com a passagem para a democracia. Otimista e defensor das políticas seguidas pelo Governo de Passos Coelho, morreu com a convicção de que Portugal vai voltar a crescer em breve e está no caminho certo.

António Borges foi o português que até hoje mais cargos relevantes desempenhou a nível internacional: reitor da prestigiada escola de gestão francesa Insead, vice-presidente do banco de investimento Goldman Sachs (2000/2008), diretor do departamento europeu do FMI

(2010/2011), a convite de Dominique Strauss Khan, de quem era próximo.

Conselheiro do primeiro-ministro, consultor para as privatizações, capitalização dos bancos e renegociação das Parcerias Público-Privadas (PPP). António Borges era simultaneamente um académico, um político — chegou a equacionar candidatar-se à presidência do PSD, em 2005 — e um gestor. Pertenceu aos órgãos sociais de empresas como a Sonae e a Jerónimo Martins. Fez uma sociedade agrícola, com o cardiologista José Roquette, chamada Terras de Alter, para promover os vinhos do Alentejo, onde tinha uma herdade da família.

Foi o único português a aparecer na capa da revista norte-americana “Fortune”, em 1988. Tinha 38 anos e era responsável pelo programa de MBA do Insead (Institut National Supérieur Européen de l’Administration des Affaires), a escola que inventou o ensino global. Cinco anos mais tarde, Borges — licenciado no ISEG e doutorado em Stanford, na Califórnia — é convidado para reitor (dean) do Insead. Uma honra. Consegue pôr a escola de Fontainebleau a rivalizar com as norte-americanas Harvard e Columbia. Mais, contra algumas vozes dentro da escola, decide abrir um polo do Insead em Singapura. A decisão revela-se acertada. É para muitos o cargo de maior relevância que desempenhou.

Independência e frontalidade

Não há ninguém em Portugal com o poder de influência em Washington (FMI) e em Bruxelas como teve António Bor-

ges. Era um dos conselheiros de Durão Barroso, presidente da Comissão Europeia, e uma das pessoas do círculo de influência do Banco Central Europeu (BCE). Contribuiu muito para o debate ideológico económico que se teve em Portugal nos últimos anos.

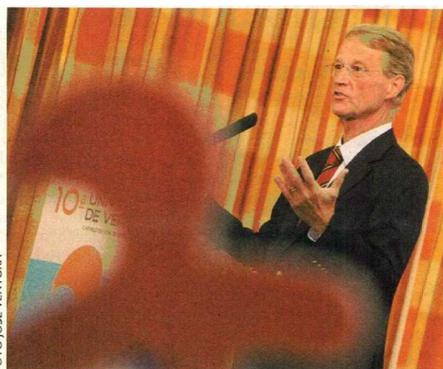
Não era porém uma figura mediática, apesar da visibilidade internacional e da importância que teve na vida académica e económica portuguesa — foi vice-governador do Banco de Portugal e um dos grandes responsáveis pela afirmação da independência do regulador no início dos anos 90, foi professor na Universidade Nova, Católica e ISCTE, onde deu aulas a muitos dos gestores conhecidos do país. Só se tornou uma figura pública nos últimos anos e sobretudo nas atuais funções de consultor do Governo, ao assumir posições polémicas e incendiárias em temas que se tornaram fraturantes na sociedade, como a subida da Taxa Social Única (TSU) e descida dos salários. Frontal, António Borges dizia sempre o que pensava, mesmo que soubesse que iria criar desconforto, inclusive dentro do Governo. E foi isso que aconteceu quando em junho defendeu que reduzir os salários em Portugal era uma “urgência” para combater o desemprego. Meses antes tinha escandalizado o país ao chamar os empresários de “ignorantes” por rejeitarem a TSU.

António Borges enfrentou corajosamente o cancro do pâncreas, detetado em meados de 2010. Os últimos três anos foram de trabalho intenso, porque, dizia, queria deixar um país melhor aos quatro filhos e aos netos. Morreu de pé.

acampos@expresso.impresa.pt



Equacionou candidatar-se à liderança do PSD mas recuou



A doença foi detetada em meados de 2010